

SOB AS TRILHAS ECODIASPÓRICAS: REPRESENTAÇÕES AMBIENTAIS E RESISTÊNCIA POLÍTICA EM AMADA DE TONI MORRISON.

Wellington Neves Vieira (Pós-Crítica/UNEB)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel

Resumo: O objetivo deste estudo é mostrar a relação que a personagem Sethe, protagonista do romance *Beloved* de Toni Morrison, tem com a natureza. A ligação de Sethe com os rios, a flora e o próprio ambiente geográfico norte-americano é utilizado pela narradora do romance como uma estratégia para realçar a condição da mulher negra, no intuito de expressar os contornos identitários afro-americanos que estão geminados em ambientes onde a mulher negra ainda é considerada estrangeira. Neste sentido, a teoria da ecocrítica será o suporte teórico subsidiário para a análise literária das simbologias que marcam a representação do meio ambiente norte-americano.

Palavras-chave: Condição feminina. Ecocrítica. Narrativa. Personagem. Toni Morrison.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisou o romance *Beloved* de Toni Morrison publicado em 1987, numa perspectiva ecocrítica a qual procurou abordar os aspectos mais relevantes das representações ambientais incorporadas na personagem Sethe.

A metodologia empregada é de caráter teórica, qualitativa-descritivo, nomeando a Ecocrítica como a espinha dorsal a argumentar com os estudos, literários, sociais, culturais, ecológicos e humanos, com a intenção de esquematizar a pesquisa literária através de análises explicativas, descritivas e exploratórias, busca-se apoio de informações bibliográficas através de autores como BHABHA, BACHELARD, CERTEAU, CRAYTON, HALL, RAFFESTIN, SHOHAT & STAM, SOJA, SCHAMA, WALTER, a dialogar com as teorias dos Estudos Culturais, feministas e Pós-Coloniais aplicadas à análise literária do discurso politizado de Toni Morrison e suas representações culturais afrodiáspórica, no núcleo desta pesquisa. GARRARD, GATTARI, BOFF, a argumentar o panorama da ecocrítica e da ecologia social, LARAIA WALDMAN e VIANA a adentrar nos trames culturais, antropológicos e de meio ambiente, vale ressaltar também a colaboração do ASLE (Associação para o Estudo de Literatura e do Meio Ambiente). Foi diagnosticado na pesquisa, elementos como: a relação do ser humano com a natureza e a condição feminina negra atrelada às simbologias da natureza na geografia dos Estados Unidos.

Os tópicos acentuados são complacentes e estimulantes no sentido de mostrar a resistência política da mulher negra em face aos sistemas opressivos.

1 DADOS DA AUTORA

Toni Morrison nasceu em 1931 em Lorain - Ohio, Estados Unidos. Filha de operários era a única criança negra na sala de aula do curso primário. Em 1970 publicou seu primeiro livro, *The Bluest Eye*. Desde 1976 leciona literatura negra e técnicas de ficção em Yale e no Bard College, mas, seu principal interesse atual seja escrever.

Beloved é a história de uma mulher negra, escrava fugitiva que, ao ser resgatada para o seu antigo dono, prefere assassinar seus quatro filhos a vê-los escravizados. Apesar de ferir os dois meninos, tentar atirar a outra filha contra a parede, consegue dar fim apenas à vida de sua filha de nome *Beloved*, cujo fantasma retorna e passa a atormentar a mãe e os demais personagens da história.

2 PRINCIPAIS PERSONAGENS

Sethe, Denver, Baby Suggs, Paul D, *Beloved*. Vale ressaltar que a construção da narrativa das vidas dos personagens em *Beloved* acontece de forma não linear, não tem pontos firmes de espaço e tempo, há a presença de diferentes vozes que compõe fragmentos de memória, histórias vivenciadas e recontadas algum tempo depois. Constroem e reconstroem acontecimentos do passado com pontos obscuros e incompreensíveis nos fatos das trajetórias dos personagens.

3 CENÁRIO ECOCRÍTICO

As discussões relacionadas às temáticas ecológicas têm assumido maiores ostentações na sociedade mundial, oportunizando a revelação de um novo posicionamento teórico dentro da visão literária, a Ecocrítica, que “foi pronunciado pela primeira vez em 1978, por Rueckert”. (GARRARD, 2006, s/p.).

Úrsula K. Heise, através do texto “Ciência e Ecocritismo” – the American Book Review 18.5 (july- August – 1997).

O ecocritismo ou “verde” criticismo é um dos campos interdisciplinares mais recentes que surgiu através da literatura e estudos culturais. O ecocritismo analisa o papel natural do meio ambiente na imaginação cultural de uma comunidade num momento histórico específico, examinando como o conceito de natureza é definido, que valores lhes são atribuídos ou negados e por que, além de ver como a relação homem/natureza é vislumbrada. Alguns ecocríticos entendem suas pesquisas como uma intervenção em debates sociais, políticos e econômicos acerca da poluição e preservação do meio ambiente. (tradução nossa)

Partindo do bom senso de que a literatura pode ser um forte veículo para a sensibilização humana no tocante a preservação da natureza e da espécie humana, pretende-se nessa pesquisa direcionar o olhar ambiental, numa visão de cuidado com as espécies humanas e não humanas atrelando aos estudos literários afro-diaspóricos de autoria feminina negra . Sendo, assim a importância dessa pesquisa é mostrar um estudo que explora o campo ecológico, o qual busca adentrar por um viés investigativo ainda pouco cultivado e que obedece à condição natural do ser social, adentrando também na “ecologia social que deverá trabalhar na reconstrução das relações humanas” (GUATTARI 1990, s/p.) Embora essas questões já vinham sendo tratadas desde o século XIX nas narrativas afro-diaspórica, porém, não eram vistas sob esses aspectos.

Nessa perspectiva, o presente estudo intenciona mostrar a análise literária das simbologias da natureza como pano de fundo para mostrar relação da natureza social humana ente os personagens e, a relação destes com o próprio ambiente geográfico estadunidense, com a finalidade de desencadear a resistência política racial dos negros norte-americanos.

4 RESISTÊNCIA POLÍTICA E O DESENHO ECOCRÍTICO EM SETHE

As ideias feministas ganham espaço nos Estados Unidos a partir dos anos 60 com os movimentos em prol dos direitos civis, tais mobilizações deram suporte para desenvolver nas escritoras negras a consciência crítica em demonstrar as suas visões políticas - culturais entre o meio militante e os centros acadêmicos, com o intuito de serem auto-reconhecidas, colocaram-se como sujeitos militantes, disputando o poder de construção de imagens e narrativas auto-representativas, problematizando papéis que exerceram na vida social, para assim constituir o perfil de suas próprias feições sociais e culturais, que foram demonstradas no universo literário.

Através do resgate histórico e das inúmeras pesquisas, Toni Morrison encontra na natureza africana a inspiração que flui na personagem Sethe, a vontade de vencer contra os sistemas opressores, de viver em paz e de melhorar o convívio dos negros ao ambiente estrangeiro, onde o passado e o presente emergem como resposta da própria natureza africana frente á sua degradação.

A presença simbólica da natureza está relacionada à identidade africana que se encontra presente em todo o romance, e isso funciona como uma resistência política relacionada a condição da mulher afro-americana, por isso neste estudo será explorado as representações ambientais que são expressas na personagem Sethe. A primeira percepção desse processo ocorre através da colheita das flores por Sethe que busca na natureza o refúgio para tornar a sua vida mais harmoniosa.

[...] ela que tinha que trazer um punhado de cercefi à conzinha da Senhora Gardner todo dia para poder trabalhar, [...] ela queria amar o lugar em que trabalhava, tirar o que tinha de feio, e a única maneira de ela sentir-se em casa em Sweet Home era colher alguma plantinha e carregá-la com ela. O dia em que não fazia era o dia em que a manteiga não solidificava ou em que a salmoura no barril fazia bolhas em seus braços. Pelo menos é o que parecia. Umas poucas flores amarelas na mesa, um pouco de murta amarrado no pegador do ferro de engomar que mantinha a porta aberta para que a brisa entrasse, acalmavam-na, e quando a Senhora Gardner e ela tinha de cardar, ou fazer tinta, ela se sentia bem (MORRISON, 1987, p. 28).

Como se pode perceber a coleta das flores é um modo exclusivo de levar à vida as proximidades da natureza para se libertar das aflições do cotidiano a personagem, busca na presença das flores afugentar o medo, as flores para Sethe faz germinar outra realidade de vivência, uma vida que é mais deleitosa e os obstáculos do dia-a-dia são mais facilmente superáveis.

Dessa forma percebe-se que a presença da flora no romance é uma forma da personagem buscar na natureza a liberdade, a sensação de paz e de uma vida mais aprazível, para então, resistir aos sistemas opressivos, e por outro lado fortificar a sua identidade cultural tonificada nos nichos ambientais, que serve como um aconchego para “Sethe que apanhava as flores, as flores amarelas antes de termos de ficar agachadas. Ela as arrancava das folhas verdes. Agora elas estão na colcha em nossa cama” (MORRISON, 1987, p. 264).

Observe que a flora nesse trecho desempenha uma função confortadora, nas mulheres negras no romance, as flores consolam, guia e guarda a vida fora e debaixo dos cobertores, dessa forma se as flores morrem, elas também morrem com as flores porque já se sentem parte delas, o desbotar das flores encontra seu paralelo no desbotar das energias vitais das mulheres afro-americanas para combater aos sistemas que oprimem e violam a condição das mulheres negras nos Estados Unidos.

Em diálogo com Paul D, Sethe demonstra as marcas da violência que as mulheres eram submetidas.

Me seguraram no chão e tiraram meu leite. Foi para isso que entraram lá.[...]. O professor fez um deles abrir minhas costas e, quando a pele cicatrizou, tomou a forma de uma árvore. Ela continua aqui. – usaram o açoite em você? – E tiraram meu leite. – Surraram você grávida? – E tiraram meu leite! (MORRISON, 1987, p. 27)

Dessa forma, percebe-se que a personagem ao relatar esses acontecimentos para Paul D, mergulha em memórias passadas, descreve a intricada condição em que viviam as mulheres afro-americanas, esses tipos de violações eram constantes no corpo das negras, não eram tratadas como seres humanos, e sim como objetos sem valores. Os opressores abriam, exploravam e dividiam as suas carnes deixando profundas cicatrizes, do mesmo modo fizeram com a terra que “foi dominada, escravizada, dividida em países com imensas e terríveis fronteiras” (ANTUNES, 2000, s/p). Essa

relação do homem com o meio ambiente é metaforicamente comparado aqui com as atrocidades feitas com os corpos das mulheres negras que foram igualmente cortadas, exploradas, em fim, separadas em diferentes países.

A árvore impregnada nas costa de Sethe tem uma assimilação com a árvore Baobá, característica da cultura africana. É verdadeiramente símbolo do continente africano, a sociedade tradicional africana reserva carinho apologético para está árvore, devido a sua forte estrutura, capacidade de resistir a longos períodos de seca, a sua galha é fenomenal tem o poder de seduzir qualquer um daí a coletânea de contos, lendas e provérbios com foco no Baobá. (WALDMAN, 2011, p. 2).

Se pode perceber, a árvore Baobá é extremamente resistente, sobrevive anos e “do seu cerne, se obtém fibra fortíssima” (PEIXOTO, 1989 apud WALDMAN, 2011, p .2) Nesse sentido, ao explorar as representações ambientais no romance, a literatura de Toni Morrison possibilita na cogitação crítica da inclusão do homem com a natureza, com o intuito de nortear o leitor na compreensão do posicionamento da resistência política da mulher negra norte-americana, como se pode observar, a árvore das Baobás, é de suma importância para os africanos, ela serve como base para a resolução dos problemas sociais, culturais e religiosos. É nela que buscam sustentações, os sentidos e a significação para permanecerem ativos na sociedade.

O arcabouço de uma árvore recheadas de ramificações e preciosidades de vitalidades, expressa em Sethe, toda a resistência da identidade e da cultura da mulher afro-americana que está amplamente enraizada na busca de novas conquistas em uma sociedade considerada como racista.

É dessa forma, que a literatura morrisoniana faz um elo com a ecorítica possibilitando no presente tratar da relação do ser humano com o não humano (natureza) traçando o perfil da resistência das políticas identitárias das mulheres negras, cujas raízes africanas estão profundamente geminadas em terras norte-americanas.

A presença dos aspectos fluviais no referido romance evidencia a sua importância para as pesquisas da diáspora africana. As águas do rio simbolizam, em *Beloved*, a fronteira entre a escravidão e a liberdade "Assim que Sethe chegou perto do rio, sua própria bolsa de água vazou para se juntar a ele" (Morrison, 1987, p. 20). Sethe rasteja até um barco onde é “batizada” pelas águas do Rio Ohio "(...) a água do rio, entrando por todos os buracos que escolhia, estava se espalhando pelo quadril de Sethe" (1987, p. 120). O nascimento de Denver junto ao Rio Ohio simboliza aqui o surgimento da liberdade, o bebê é também feminino e isso demonstra no romance o quanto a força feminina negra é resistente na busca de sua consciência identitária.

Desse modo, o nascimento de Denver dá luz a novos princípios para Sethe, outra realidade de vida, uma vida livre do outro lado da fronteira do rio Ohio que simboliza no romance um local sagrado que lava, renova e purifica: depois de Amy Denver “lavar as mãos e o rosto no rio” (1987, p. 122), Sethe ainda bebe a “água sagrada”: "Ela implorou água e ele [Selo Pago] lhe deu um pouco do Ohio numa caneca" (1987, p. 129).

Essa relação da personagem com o rio Ohio desencadeia um olhar ecocrítico, pois o envolvimento de Sethe com as águas mostra a sua imensa valorização pelo Ohio como um local sagrado, onde a protagonista faz questão beber na fonte da libertação, ela sente sede de se libertar, ela quer sentir profundamente a sensação de liberdade que a natureza pode lhe proporcionar, pois os rios são livres com águas escorrendo para todos os lados, e isso só foi possível observar no romance porque a literatura dá margem ao homem ampliar a sua visão de mundo, através da linguagem literária presente na narradora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto a obra morrisoniana entra como uma aliada muito importante, uma vez que a autora mostra, minuciosamente, a flora, a mulher o homem e a luta, ou seja, o ambiente e toda sua complexidade; o indivíduo que nela habita, como habita e mostra também a luta diária desse para sobreviver, em todos os sentidos, haja vista que o nascer já se constitui em uma luta.

Assim a luta morrisoniana vem embasada de várias conotações, embora ela trate diretamente da diáspora, escravidão e a busca da liberdade, observa-se que a luta está em toda parte, para que os personagens se afirmem como “ser”. Assim, acredita-se que ao relaciona a teoria da ecocrítica, a narrativa afro-americana, este estudo se faz relevante e trará uma grande contribuição a crítica cultural, porque se trata de uma nova visão para abordagem da obra *Amada*, que já se falava estar afadigadas de inúmeras análises literárias, e ao mesmo tempo por trazer uma reflexão para realidade dos negros norte- americanos possibilitando uma revisão para a percepção ambiental bem como as ações do ser humano consigo mesmo e com a natureza. Daí a importância de uma pesquisa sócio-ambiental.